

stylete

lacanianano



stylete lacaniano

O termo estilo se origina do grego stylus: um instrumento pontudo de metal, punção que serve para furar ou gravar. Esse aspecto presente em sua etimologia nos indica sua característica de marca, corte, furo, e nos serve para situar o estilo do analista.

O estilo, presente na enunciação, no modo de falar, escrever e mesmo viver, é o que Lacan propõe quando ele situa no preâmbulo à Ata de fundação da Escola: a Escola pode ser o lugar de se discutir “o estilo de vida ao qual uma análise leva”, pois o estilo é a forma, o jeito, a maneira, que cada uma escolhe viver, sabendo lidar com seu sintoma – modalidade singular de cada um de “bem dizer”, que norteia a ética do psicanalista. Esse dizer (a distinguir dos ditos) pode ser feito com palavras, atos, escritos, posturas, pinturas e músicas, céus e terras, ares e mares.

A revista digital Stylete lacaniano se propõe a ser o lugar de gravações e traços, marcas e vestígios que se escrevem por aqueles que - cada um com seu stylo (caneta em francês), suas tintas e suas cores – estão decididos a sulcarem o campo lacaniano. Sempre terreno de aragem, de cortes, ocos, sulcos e plantios.

Conjugado com seu irmão mais velho Stylus, Stylete lacaniano recebe curtos textos, cortes cirúrgicos, curtidas estilosas além de vídeos, imagens, músicas, áudios, imagenstextos, e outras produções que transmitam aquilo que do inconsciente e do gozo se deposita para cada um como sublimação ou sinthoma. Os textos e mídias de Stylete podem ser sobre os seguintes temas todos vinculados à psicanálise: conceitos, clínica, arte, conexões, sociedade e atualidade.

Stylete lacaniano é uma revista da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (ligada à Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano).

Editor

Antonio Quinet

Conselho de criação

Felipe Grillo

Francina Sousa

Katarina Aragão

Leonardo Pimentel

Robson Mello
Thalita Castello

Conselho editorial

Bárbara Guatimosim
Conrado Ramos
Glaucia Nagem
Lia Silveira Osvaldo Costa
Rosane Melo

Como publicar na stylete lacaniano Stylete lacaniano é uma revista digital mensal. Ela contém seis artigos a cada número Os textos a serem enviados devem ter no máximo 10.000 caracteres incluindo espaço e notas no final do texto. Stylete não seguirá as normas da ABNT. As notas bibliográficas devem estar ao fim do texto na seguinte ordem: autor (sobrenome e nome), livro em *itálico* (ou artigo entre aspas seguido do livro em *itálico*), cidade, editora, ano da edição, número da página.

A revista recebe trabalhos dos membros da Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-Brasil. O conselho editorial fará a curadoria de todos os textos podendo também convidar autores a postarem na revista. As respostas desse conselho aos autores que enviarem seus trabalhos para a postagem serão: "aceito", "não aceito" ou "pode melhorar".

Stylete acolhe também trabalhos em outros veículos que não seja a escrita, como vídeos, por exemplo. Os vídeos ou montagens devem ter a duração em média de 3 a 5 minutos. Eles devem vir acompanhados de carta de autorização de exibição. O mesmo vale para imagens e textos.

Stylete é uma revista de variedades e não tem um tema fixo (ou "variedades" segundo Lacan, que condensa a verdade com a variedade). Os trabalhos poderão abordar: Clínica psicanalítica; Conceitos psicanalíticos; Arte e Psicanálise; O Laço social; A Escola e Atualidades.

Envie seus trabalhos para: stylete@campolacaniano.com.br

Esta versão para download foi organizada em ordem alfabética dos autores.

Índice:

Editorial – Águas de Março	6
Antônio Quinet	
O ideograma e a montagem/colisão – o forçamento e o decantado canto	11
Ana Paula Lacorte Giansesi	
Freud e Charcot	19
Clícia Marina Magalhães Pereira	
Crianças e(m) (des)enlace(s)	24
Katarina Aragão Ponciano	
A praia, o mar e o sujeito (autista?)	30
Luis Achilles Rodrigues Furtado	
Demandas de análise... E agora?	36
Sandra Mara Nunes Dourado	
O umpire dos sentidos	42
Sônia Alberti	



editorial

Águas de março

Antonio Quinet

antonioquinet@gmail.com

A canção “Águas de março” de Tom Jobim nos ajudará a mergulhar nas águas turvas e turbulentas de nossos laços sociais.

“É pau, é pedra, é o fim do caminho”.

A pulsão de morte desenfreada de um (“Pau!”) contra outro e do outro (“Pedra!”) contra um pode ser o fim do caminho. Fim de uma guerra e de uma luta fratricida, simplesmente por falta de combatentes. O caminho findou, os dois sujeitos – o que atirava pau e o que atirava pedra – estão estirados no chão. “Restou um toco, um pouco sozinho.”

Mas antes de chegar à eliminação de outrem, o caminho da pulsão de morte pode ser longo: humilha, desqualifica, xinga, maltrata, escorraça, lincha e mata. Eis o que ocorre quando o sujeito faz do outro o objeto de satisfação de sua pulsão agressiva. Nesse caminhar rumo ao assassinato da alteridade, o sujeito goza: é o “gozódio”.

Ao lado do amor como paixão, Lacan lista dois outros afetos não menos passionais: o ódio e a ignorância, que podem caminhar juntos. Nesse processo de ódio, o indivíduo primeiro desqualifica o outro como sujeito e assim retira dele todos os atributos de ser humano, falando semelhante. O outro não é mais um si mesmo, um próximo, não é sujeito do desejo, nem sujeito do direito nem sujeito da história. O outro não é nem mesmo da mesma raça que ele. Não é mais da raça humana: é de outra raça, com características que ele não enxerga como suas, ou da raça animal, um verme, por exemplo. “É o fundo do poço. É o fim do caminho. No rosto o desgosto. Um pouco sozinho.” E assim ele não reconhece mais o outro nem mesmo como outro, mas como coisa – na coisificação do outro todo achincalhamento é possível. “Pedra de atiradeira: uma ave no céu, uma ave no chão.”

A lógica da guerra – que permite os homens se matarem entre si – implica na dessubjetivação do outro, para transformá-lo na Coisa desumana, fonte do mal e inimigo- perigo e ameaça - para assim poder eliminá-lo, com qualquer justificativa. O ódio do diferente, ao visar o outro como mal visa o ser do sujeito para erradicá-lo. Todo discurso odioso, ou de incitação ao ódio, contém em si, de forma latente, todos esses elementos mortificadores do outro.

(Mas o que é o outro como radicalmente outro, Heteros, em sua diferença? “É mistério profundo. É o queira não queira.”)

Levemos isso para a psicologia das massas e encontraremos a eleição de uma pessoa (ou um grupo de pessoa) como inimigo a ser eliminado pela massa que vira horda. A formação de uma massa não é só constituída por um **significante mestre (S!)** sustentado por alguém, que está no lugar de ideal de eu. A constituição de um inimigo comum também é um fator que sustenta a coesão do agrupamento – é a lógica do bode expiatório. Por outro lado, como formação da pulsão de morte, o ódio é destruidor dos laços sociais, nos aponta Freud.

“É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol.”

A psicanálise nos aponta que devemos nos abster da paixão do ódio que acompanha a paixão da ignorância - que é a paixão do neurótico de não querer saber - para podermos apostar no desejo de saber e de suportar a diferença do outro como radicalmente outro, para circular no laço social e nos deixarmos fugar pelo desejo ao outro, fonte da solidariedade. “É João, é José. É um espinho na mão, é um corte no pé.”

Lacan escreveu os laços sociais levando em consideração a qualificação de Freud de profissões impossíveis. É impossível governar. É impossível psicanalisar. Nisso os psicanalistas têm em comum com os governantes: somos profissionais do impossível. Lacan localiza os impossíveis nos próprios atos, ou seja, na ação do agente sobre o outro: tanto o de governar quanto o de psicanalisar. Mas isso não significa destruição do laço, pelo contrário trata-se de levar em conta o real impossível (outra formação do ‘não-há-relação-sexual’) desse laço entre os sujeitos que se encontram assim enlaçados. Esse impossível pode ser declinado em impossível a ser escrito, gerido, idealizado, prescrito.

O discurso do analista foi não só o que permitiu Lacan escrever os outros laços, mas também o que os clareia: como o discurso do mestre, revelando o sujeito que incarna a lei (no semblante, por favor!) e o real impossível fazer cumprir a lei (S1). Esse real do laço de governar pode conter **todas as matizes** da obrigação, dos deveres, da imposição, do patrulhamento indo até a tortura – em regimes ditatoriais - para impor a lei.

Outro problema é que o discurso do capitalista (DC) - que prepondera na atualidade - tende a contaminar tudo. Ele tem como meta uma sociedade de não só “todos proletários” como dizia Lacan, mas. “todos consumidores” “todos inadimplentes” e “todos corruptos”. A tendência do DC é instaurar o Estado de Corrupção. Em suma o DC tende a se imiscuir e roer todos os laços sociais, como um anzol que com sua “iscapital” alimenta e foga os peixes de todas as cores e credos. “É um estrepe, é um emprego. É uma ponta, é um ponto.” O

resultado, como diz o sociólogo português Boaventura, é o comando pelo “capital financeiro, entregue à sua voragem autodestrutiva, destruindo riqueza sob o pretexto de criar riqueza, transformando o dinheiro, de meio de troca, em mercadoria por excelência do negócio da especulação. A hipertrofia dos mercados financeiros não permite crescimento econômico e, pelo contrário, exige políticas de austeridade por via dos quais os pobres são investidos do dever de ajudar os ricos a manterem a sua riqueza e, se possível, a serem mais ricos” (<http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/opinion/opinion-brazil-democracy-is-on-the-verge-of-chaos-and-the-perils-of-legal-disorder/?lang=pt#sthash.Q2lvZvJn.dpuf>)

Mas o DC não é tudo, longe disso. Ele pode tender a emperrar os outros laços, mas cabe aos agentes de outros discursos sustentá-los enquanto laços sociais ex-sistindo ao DC. “É um pinga pingando. É uma conta, é um conto.”

Lacan apostava na saída do DC, pela psicanálise, como uma saída coletiva, não em massa, pois não há psicanálise de massa, nem de grupo, nem de família, mas uma saída um a um. Saída pelo respeito à singularidade, à diferença e à heteridade. “É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã, é um resto de mato na luz da manhã.”

A saída da análise de um psicanalista não sem paixão. Não é uma saída pelo ódio nem pela ignorância. Não é sem amor – um amor instruído pelo impossível que tenha a marca de uma outra paixão: o entusiasmo pela aposta no desejo de saber e nos laços sociais, pois o sujeito do coletivo é o mesmo do individual (Freud). Não é o autismo do gozo nem o isolamento esplendoroso. “É conversa, é ribeira, é ribeira das águas de março. É o fim da canseira. É o pé, é o chão.”

Só se sai da canseira pelo ato – que no caso do analista é fazer despertar. “São as águas de março fechando o verão. É promessa de vida no teu coração”.

Neste número contamos com o texto de Ana Paula Ganesi, “O ideograma e a montagem/colisão – o forçamento e o decantado canto” em que aproxima o método de Eisenstein, a escrita chinesa e a interpretação analítica, o Luis Achilles Rodrigues Furtado, “A praia, o mar e o sujeito (autista?). em que situa o autista no litoral do mar da linguagem” o de Clícia Marina Magalhães Pereira “Freud e Charcot” sobre a história da psicanálise através da histeria e sua atualidade, o de Katarina Aragão Ponciano “Crianças e(m) (des)enlaces que mostra um fragmento de caso em que um menino se afirma como sujeito do laço e das escolhas, o de Sonia Alberti, O *umpire* dos sentidos, em que analisa o filme de Nagisa Oshima a partir das fórmulas da sexualização e o de Sandra Mara sobre demanda de análise.

O artista convidado para nossas capas – que é a Galeria de arte de Stylete – é Flávio Colker, dedicado à fotografia e através da imagem comenta as suas atrações e afetos. Desde 2002 expõe constantemente no circuito de arte e seu trabalho figura em várias coleções particulares e na coleção do MAM SP. “A questão (e beleza) da fotografia está na contradição entre sua concretude e a imaterialidade da imagem.” Flavio Colker é dedicado a fotografia e através da imagem comenta as suas atrações e afetos. **Desde 2002 expõe constantemente no circuito de arte e seu trabalho figura em várias coleções particulares e na coleção do MAM SP.** Flavio Colker é representado por Martha Pagy Múltiplos Arte. A série de fotografias aqui apresentadas neste número chama-se “Corpo dissolvido”.



O ideograma e a montagem/colisão – o forçamento e o decantado canto

Ana Paula Lacorte Giansesi [1]

anapaulagiansesi@yahoo.com.br

Sendo o vazio indiscernível enquanto termo (pois é não-um), sua ocorrência inaugural é puro ato de nomeação. Esse nome não pode ser específico, não pode classificar o vazio no que quer que seja que o subsuma (BADIOU, 1996, p.55)

A arte, a ciência e a política mudam o mundo, não pelo que nele discernem, mas pelo que nele indiscernem (BADIOU, 1996, p.270). Como a base de toda arte é conflito (uma transformação imagística do princípio dialético). A tomada (plano) surge como célula de montagem. Por conseguinte, deve ser também considerada a partir do ponto de vista do conflito [...] Conflito dentro do plano é montagem potencial, que, no desenvolvimento de sua intensidade, esfacela a prisão quadrilátera da tomada e explode seu conflito em impulsos de montagens entre as peças da montagem. Como num ziguezague de mímica, a mise en scène jorra num ziguezague espacial com mesmo esfacelamento (EISENSTEIN, 1929/1977, p.177)

Badiou escrevia sobre o forçamento. Mostrava como, ao forçar o indiscernível, estabelece-se o indecível. Eisenstein, por sua vez, falava sobre a cinematografia, a montagem, enquanto colisão e conflito. Sua base: o ideograma e o haikai. Frisava uma anti-cadeia. Digamos, já em termos psicanalíticos: uma anti-cadeia que faz ressoar outra coisa.

O psicanalista, orientado pelo não-todo, força o indiscernível (vazio) e assim pode deixar abrir o efeito feminizante. Estabelece, assim, o indecível posto do lado mulher (não-todo) das fórmulas da sexuação. O falasser seria, disso, um produto: S1, uma letra-signo. Esfacelamento quadrilátero que abarca o possível (da suspensão de sentido) não mais (apenas) encadeado.

Lembremos do tantas vezes citado trecho do *Seminário 24* de Lacan:

Se vocês são psicanalistas, vocês verão que é o **forçamento** por onde um psicanalista pode fazer ressoar outra coisa, outra coisa que o sentido [...] O sentido, isso tampona; mas com a ajuda daquilo que se chama escritura poética vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica [...] Não que toda poesia seja tal que a possamos imaginar pela escritura, pela **escritura poética**

chinesa[...]Que vocês sejam inspirados por alguma coisa da ordem da poesia para intervir, é bem em direção a que vocês devem se voltar(LACAN, 1976-77, aula de 18 de abril de 1977, inédito [negritos meus])

Pela escritura poética (mais precisamente a escritura poética chinesa) nós temos a dimensão da interpretação analítica. As questões da escritura, da tonalidade e da modulação da voz aparecem em destaque neste colocar o corpo que o cantarolar poético realiza. Não obstante, de modo bastante sutil, ele igualmente implica a lógica no que nos mostra.

Sim, o poema e o grafema (do ideograma) não passam sem a lógica. Para fazer ressoar outra coisa que o sentido, para isso parece ser preciso um forçamento – *forcing*. Pois bem, o forçamento revela um indiscernível (ou inexistente), pois como uma técnica que é, realiza uma operação na qual se obtém uma extensão (um conjunto) por adjunção de uma parte indiscernível, uma parte genérica, que é desconhecida na situação, mas que existe (BADIOU, 1996).

Lacan havia, então, articulado o forçamento-interpretação à poesia chinesa. Eisenstein, da mesma feita, deixa clara a dívida que o cinema, tal qual concebido por ele, tem com a poesia, mais especificamente, com o princípio do haicai.

Vejamos o que o cineasta nos propõe:

Ele concebe a cinematografia como montagem. Diz que, no cinema, combinam-se “tomadas que pintam” (EISENSTEIN, 1929, p.168) e busca: “um laconismo máximo para a representação visual de conceitos abstratos [...] o laconismo nos fornece uma transição para outro ponto. O Japão possui a forma mais lacônica para a poesia: o haicai”(EISENSTEIN, 1929/1977, p.168).

Segundo Eisenstein, o ideograma fornece as condições para a impressão lacônica. Propõe este mesmo enxugamento (redução) para a montagem cinematográfica, que se daria, igualmente, por colisão de uma combinação de símbolos.

Não é esse o processo do ideograma, que combina uma “boca” isolada e o símbolo dissociado de “criança” para formar o significado de “grito”? [...] Não fazemos, nós do cinema, com o fluxo temporal, aquilo que Sharaku [criador de gravuras do século XVIII] fazia com a simultaneidade, ao provocarmos uma desproporção monstruosa entre as partes de um acontecimento que vai fluindo normalmente e que é de repente desmembrado [...] quando efetuamos, através da montagem, a desintegração do acontecimento em diversos planos?(EISENSTEIN, 1929/1977, p.172, [inserção minha]).

口

Boca = Kǒu

+

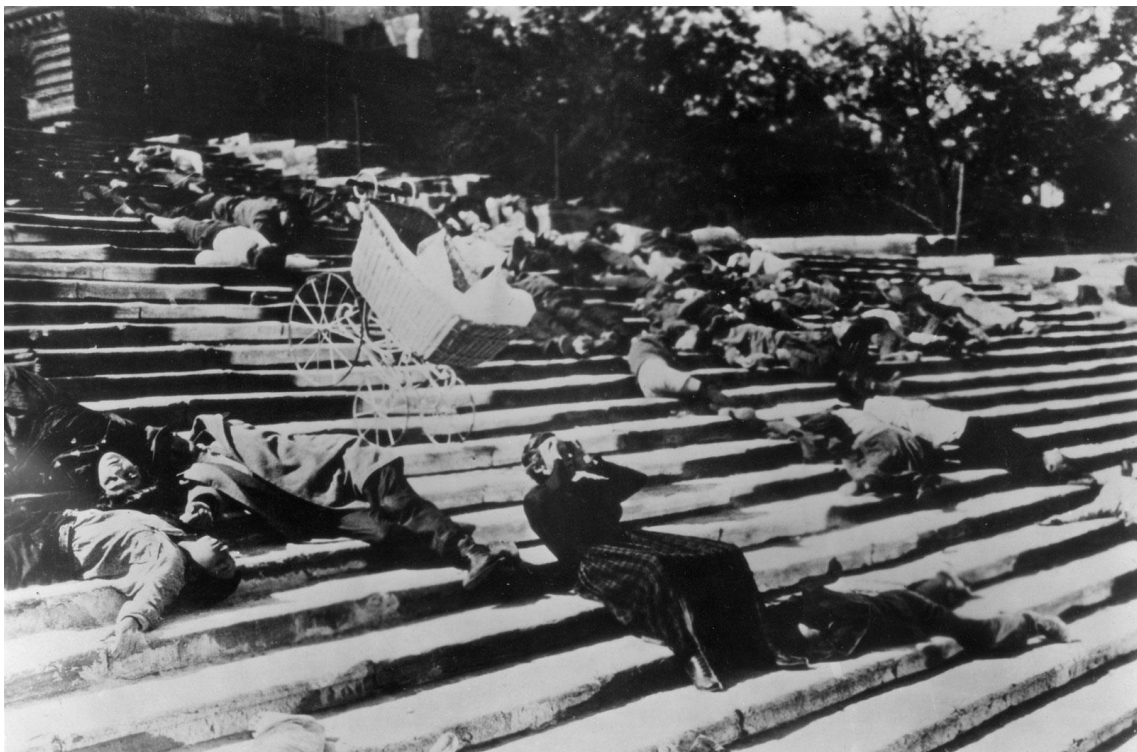
子

Criança = Zǐ

好

Grito = Hǎo

Ele articula o método ideográfico (montagem) ao desmembramento, à desintegração, à desproporção. Faz, ainda, uma diferenciação da escola que concebe a montagem como “um pedaço argamassado a outro pedaço”, como tijolos, em um encadeamento de pedaços, como cadeias, “tijolos postos em séries para expor uma ideia”, e sua própria concepção de montagem como COLISÃO: “Concepção segundo a qual, da colisão de dois fatores determinantes, surge um conceito [...] de acordo com meu ponto de vista, o encadeamento é apenas um caso especial, possível” (Ibid., p.177)



Eisenstein, S. O Encouraçado Potemkin (1925)

Portanto: montagem é conflito, colisão. E há uma ênfase posta no que não é cadeia. A montagem seria, antes, uma anti-cadeia que provoca esfacelamentos dos quadros estabelecidos ou esperados.

Tarkovski(2010) em seu livro: *esculpir o tempo*, refere-se ao fazer do cineasta como associações poéticas e cita os princípios propostos por Eisenstein:

A chave da poesia do cinema:

Todos nós conhecemos o gênero tradicional da poesia japonesa, o haikai. Eisenstein citou alguns exemplos:

A lua brilha fria;

Perto do velho mosteiro

Um lobo uiva.

Eisenstein via nesses tercetos o modelo de como a combinação de três elementos separados é capaz de criar algo que é diferente de cada um deles. Uma vez que esse princípio já estava no haikai, é evidente que não pertence exclusivamente ao cinema (TARKOVSKI, 2010, p.76)



Tarkoviski, A. O Espelho (1975)

Sobre esta cinematografia, Haroldo de Campos comenta que para Eisenstein, “juntam-se dois pictogramas para sugerir uma nova relação, não presente nos meros elementos isolados” (CAMPOS, 1977, p.41).

Interessante pontuarmos aqui que esse criar algo diferente, inédito, consubstancializa o que Lacan insiste sobre o sentido: que este (o sentido) decante (LACAN, 1973-74, inédito).

Campos propõe, então, que o pictograma, nos desdobramentos do signo, seja um ícone:

Desde logo o pictograma é decididamente um ícone: é uma pintura que, em virtude de suas próprias características, se relaciona, de algum modo, por similaridade, com o real, embora essa qualidade representativa possa não decorrer de imitação servil, mas de diferenciada configuração de relações (CAMPOS, 1977, p.40).

A colisão pode ser relativa ao ícone (que se dá por semelhança não servil ao objeto): uma anti-cadeia que surge desmembrando, decantando. O que surge é desproporcional. Assim como o ideograma, a montagem concebida desse modo, pode fazer ressoar outra coisa. Não haveria aqui, sobremaneira, um forçar o indiscernível (vazio)? Não seria, então, a colisão, um forçamento?



Eisenstein, S. O Encouraçado Potemkin (1925).

Relendo um trecho de Badiou (1996, p.335), diríamos que ofalasser, produto do Discurso Analítico, passa à força no momento em que o indiscernível (vazio), convocado, revela a des-medida do indecível (suspensão, decantamento). Des-medida feminizante que indecide o sentido, em uma justa interrupção das feéricas produções neuróticas. Ou: entre (S1)-falasser-gozo e o duplo sentido (em escoamento) do saber sobre a verdade não-toda (S2), um forçamento-colisão pode fazer ressoar outra coisa: poesia.

Seguindo com a conversa com o campo psicanalítico, podemos nos perguntar: não seria o saber (S2) posto no lugar da meia-verdade do discurso analítico um saber-poético? Um saber que é saber fazer com o duplo sentido, por ser mesmo duplo sentido. Afinal, operar com as figuras de som recorrentes, fazer

hesitar por aí o sentido, tornar o referente ambíguo (menções à função poética postulada por Jakobson), estas são operações possíveis sobre o significante e o gozo.

Haroldo de Campos coloca, nessa direção, o quanto a queda da função referencial faz importar descobrir, por exemplo, a palavra “astro” no adjetivo “desastrado” ou mesmo no substantivo “desastre” (CAMPOS, 1977, p.39). Esses encontros são muito importantes para um poeta. Esses encontros não são menos importantes para um psicanalista. Por aí se decanta, escoá-se, contradiz-se o sentido.

Quando Lacan fala sobre a poesia chinesa, ele destaca a escrita e o cantarolar, o falar cantando. Há o grafema e o tonema (a modulação da voz: no som e no tempo) neste colocar o corpo que é um ideograma. Cantarolar, modular... o tom, o som, o silêncio... as ressonâncias do corpo...

Encontramos em *Duplo Canto e outros poemas*, de François Cheng (s.d.), uma afirmação segundo a qual a poesia, na tradição poética chinesa, “suscita a ressonância do não-dito, faz viver uma experiência de vacuidade” (p.19). Além disso, sobre o ideograma, ele afirma que não se trata de marcas arbitrárias nem de sinais que visam copiar as coisas, mas antes procura “figurá-las por traços essenciais” (p.31). Pelo fato do ideograma ser monossilábico e invariável, isso se lho confere “uma grande mobilidade quanto a possibilidade de se combinar com outros ideogramas” (p.32).

O laconismo e sua redução ao mínimo que transmite algo do Real estão aqui mencionados.

E Lacan ainda articula a escrita chinesa (segundo ele, menos imaginária que as nossas indo-européias) ao nó borromeano. Afirma, textualmente, que “é sobre o nó que elas [as línguas chinesas] trabalham” (LACAN, aula de 11 de dezembro de 1973, inédito [colchetes meus]). Ou seja, trabalham em outra dimensão espacial, não na consistência de um espaço geométrico euclidiano. A figuração chinesa, grafemática, permite combinações que fazem nó. Recordemos, aqui: para que a nodalidade se opere é necessário o vazio, a experiência de vacuidade sublinhada por Cheng.

Enfim, entre grafemas, tonemas e fonemas, é possível que um analista permita o poema (não sem a lógica) nodal (modal). Em escape de tonel (por Lacan) ou no esfacelamento quadrilátero da montagem cinematográfica (por Eisenstein), que se cante mais, sustentação do silêncio. Decantamento de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.
- BADIOU, A. *O Ser e o Evento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- CAMPOS, H. *Ideograma. Lógica, poética, linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CHENG, F. *Duplo canto e outros poemas*. Cotia: Ateliê Editorial, s.d..
- EISENSTEIN, S. (1929). O princípio cinematográfico e o ideograma. In: CAMPOS, H. (org.), *Ideograma. Lógica, poética, linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- LACAN, J. (1973-74). *O Seminário, livro 21: Les non-dupes errent*. Inédito.
- LACAN, J. (1976-77). *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévues'aile à mourre*. Inédito.
- TARKOVSKI, A. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



FREUD E CHARCOT

Clícia Marina Magalhães Pereira

Vejamos um pouco da história de Freud. Na juventude, Freud sente necessidade de compreender alguma coisa dos enigmas do mundo. Entra para a faculdade de Medicina e se dedica a pesquisas, inicialmente no campo na Zoologia e da Química, pois a prática médica não desperta o seu interesse. Em seguida, vai para o laboratório de fisiologia de Brücke, fisiologia essa ligada à histologia na época, e se põe a estudar tecidos nervosos dos animais inferiores. Se a tarefa de pesquisa o interessa, outro aspecto da ciência, a entediante exatidão não estava em sua natureza. Contudo, de alguma forma a influência de Brückesemantém através da Escola de Helmholtz, segundo a qual “nenhumas forças, a não ser as físico-químicas comuns, acham-se em ação ativa no interior do organismo” (Du bois apud Jones). Entende-se que a psicologia deveria estar sujeita às mesmas leis que regem a química e a física. Freud mantém concepções ligadas a essa escola e as aplica ao organismo, contudo passa a rejeitar quaisquer bases anatômicas para as mesmas.

Retomando a história de Freud, no curso de medicina, ele se interessa pelas aulas de psiquiatria de Meynert. Posteriormente, tendo em vista razões pecuniárias é orientado a estudar as doenças nervosas e iniciar a prática médica, pois como pesquisador não obtinha seu sustento. Todavia, não havia, em Viena, especialistas nesse ramo da medicina. “À distância, brilhava o grande nome de Charcot” (Freud, 1925). Faz o plano de ir lá. Por outro lado, continuava, nos anos seguintes, a sabertudo sobre as doenças orgânicas do sistema nervoso. Sobre as neuroses nada compreendia, mas já se colocava questões, pois tomara conhecimento de Anna O. (Bertha Pappenheim) através de Breuer. Em 1885 consegue uma bolsa de estudos, em função do inestimável testemunho de Brücke, e vai para Paris. Torna-se aluno na Salpêtrière, como um dos numerosos alunos estrangeiros. Todavia, Charcot só passa a lhe dar atenção quando Freud diz que faria a tradução de suas *Leçons* para o alemão.

Essa experiência com Charcot é fundamental para Freud transferir-se da neuropatologia para a psicopatologia. Da ciência física para a psicologia. Foi a personalidade de Charcot que marcou Freud, como ele comenta em uma carta para sua noiva. Dono de uma personalidade fascinante, com um toque de gênio, suas aulas eram inesquecíveis. Sente-se profundamente abalado em suas metas e opiniões ao perceber que Charcot demonstrava que havia uma verdade no sintoma histérico.

Segundo Quinet (Charcot, 2003), até Charcot, a palavra histeria permanecia presa à concepção de Charles Lasègue (1816-1883) que afirma que a histeria nunca poderia vir a ser definida, pois seus sintomas não eram constantes e por isso nunca constituiriam um tipo. A apreensão da histeria era feita com base em sinais negativos de doença orgânica, em múltiplos preconceitos - irritação da genitália, inespecificidade, simulação. Charcot, por sua vez, propõe um tipo para a histeria e descreve-a à exaustão tanto em mulheres, quanto em homens e até em crianças.

Vejamos, agora, um pouco da história de Charcot. Ele estuda medicina em Paris e conclui seus estudos com uma tese sobre reumatismo crônico, vindo posteriormente a publicar diversos artigos sobre medicina em geral. Naquela época, não havia as especialidades médicas bem definidas. Em 1862, torna-se médico no hospício da Salpêtrière - tratava-se de um hospital de mulheres, casos crônicos, mas que, mais adiante, sob a influência de Charcot, passatambém a atender homens em ambulatório. Homem de grande influência, a partir de 1882 aparelha o seu serviço, colocando à sua disposição, laboratório de fotografia, exame oftalmológico, otorrinológico e até um museu de patologia com moldes em gesso de paralisias, contraturas, etc. Ele fotografava, media, examinava, estudava milimetricamente os espasmos, paralisias, contraturas.

Inicialmente, Charcot havia constituído o seu campo de estudo na neurologia, em que se mantém até 1870, ficando conhecido na França e no exterior. Mas, “em meio a toda a desconsolação das paralisias, espasmos e convulsões” (Freud, 1893), a maioria não constituía quadros orgânicos. Em 1870 considera concluídos seus estudos sobre a neurologia e passa a dedicar-se à neurose e, em especial à histeria. Descreve e classifica os fenômenos e propõe um tipo para a histeria, a “grande histeria”, baseado no que seria hoje chamado pela medicina de “pseudocrise”. Como num teatro, ele apresenta os pacientes semanalmente, hipnotizando-os e expondo os seus ataques, contraturas e paralisias diante da plateia de médicos, artistas e do público em geral. Ele produzia e retirava os fenômenos diante da audiência. Às vezes um, outras vezes mais de um paciente de uma vez, comparando-os. Segundo Quinet (Charcot, 2003), “foram estas aulas públicas que o jovem Freud assistiu durante seu estágio de outubro de 1885 a fevereiro de 1886” e que alterou a sua perspectiva de vida.

Em 1878, Charcot inicia o estudo e a prática do hipnotismo, desencadeando o interesse científico pelo hipnotismo. Segundo Charcot (2003), a hipnose é uma neurose produzida, de fundo histérico, sendo as histéricas os sujeitos nos quais melhor se pode notar suas manifestações. Demonstra, então, que em pessoas predispostas, ele podia provocar sintomas, através do hipnotismo, idênticos aos da histeria espontânea. Assim, qualquer uma que fosse a base neurológica

desconhecida, os sintomas podiam ser abolidos pelo emprego de apenas ideias.

Conforme Quinet (Charcot, 2003), Charcot “descreve e classifica os fenômenos para mostrar que há uma lei subjacente à sua ocorrência”. O tipo chamado “grande histeria” era o ataque histérico completo, mapeado e subdividido em suas 4 fases que podem aparecer em conjunto ou isoladamente. Tinha à sua disposição todo o pavilhão de convulsionários.

Freud compara Charcot a Pinel, pois considera que ele trouxe um estatuto de dignidade às histéricas, consideradas como “doentes detestáveis”, frase atribuída a Griesinger - fundador da psiquiatria alemã - por Ilza Veith (Quinet, 2005). Charcot confere autenticidade aos sintomas, pois, naquela época, nenhum médico respeitável se dispunha a trabalhar com a histeria. Segundo Freud (1910), os histéricos são privados da simpatia dos médicos.

Um aspecto apontado por Charcot se refere ao que ele denomina histeria traumática. Casos em que o paciente sofre um traumatismo no corpo e passa a apresentar paralisias e/ou anestésias. Exemplifica com um caso de uma mãe que dá um tapa num filho e fica com a mão paralisada, ou de um cocheiro que cai do alto de sua carruagem e seu ombro escora a queda. Após 2 ou 3 dias passa a apresentar uma paralisia completa do membro superior. Vale ressaltar que posteriormente, Freud compara o trauma psíquico (o acontecimento patogênico), que ele encontra subjacente à histeria, com o trauma físico de Charcot (Freud, 1910). O que importa é o susto, a emoção.

Além disso, Charcot descreve inúmeros casos de histeria masculina em homens vigorosos, ferroviários, não afeminados, retirando dela o preconceito de gênero. E, ainda, foi o grupo da Salpêtrière, principalmente, que estabeleceu que a histeria sempre existiu na história da civilização, ao encontrá-la nas epidemias de possessão demoníaca medievais, nas biografias dos santos e em seus êxtases. Ademais, o grupo de Charcot faz uma extensa pesquisa na história das curas milagrosas para concluir que se trata do mesmo fenômeno, fatos que ainda encontramos na atualidade.

Outro ponto marcado por Charcot é a sua observação de que as histéricas desde aquela época, muitas vezes, chegavam às mesas de cirurgia, como na contemporaneidade. Ele vê muitas mulheres e jovens voltando da Suíça sem os ovários, até em função de sua afirmação de que algumas histéricas possuíam “pontos histerógenos” ovarianos. A retirada de um ponto histerógeno não cura a histeria.

Ademais, em casos de histeria e déficit intelectual ele enfatiza “que, entre os agentes provocadores da histeria, ao lado das grandes perturbações morais, dos traumatismos, das intoxicações etc, deve-se inserir a miséria, a miséria

com toda sua dureza, com toda sua crueldade (Charcot, 2003).” Segundo ele, a causa da histeria está na herança, mas ela conta com agentes provocadores.

Contudo, Charcot só objetivava descrever os fenômenos. Não atentava para a etiologia nem para a terapêutica. De forma alguma postulou a causalidade psíquica para os sintomas histéricos. Para ele, não há lesão anatômica neurológica, mas há uma lesão dinâmica que um dia será encontrada.

Concluindo, lembramos que, segundo Aristóteles, o bom discípulo é aquele que supera o mestre. Se Freud levou adiante os ensinamentos de Charcot e as descobertas de Breuer e Anna O., fazendo surgir a psicanálise, dois discípulos de Charcot, Babinski e Pierre Janet, seguiram o caminho inverso: retomaram o preconceito com a histeria. Babinski denigre-a dizendo que onde há uma emoção sincera não há lugar para a histeria, criando o termo *pitiatismo* (cura pela persuasão), o vulgo “*piti*”. E Janet, por sua vez, define a histeria como “uma forma de alteração degenerativa do sistema nervoso, que se manifesta pela fraqueza congênita do poder de síntese psíquica” (Freud, 1910). Retroceder é um risco, pois está sempre no horizonte do possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Charcot, Jean-Martin. *Grande histeria*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Rios Ambiciosos, 2003

Freud, Sigmund. (1886) “Prefácio à tradução das conferências sobre as doenças do sistema nervoso, de Charcot”, *ESB*, vol I, Rio de Janeiro: Imago, 1976

_____ (1892-94) “Prefácio e notas de rodapé à tradução de *leçonsdumardi*”, *ESB*, vol I, Rio de Janeiro: Imago, 1976

_____ (1893) “Charcot”, *ESB*, vol III, Rio de Janeiro: Imago, 1976

_____ (1910) “Cinco lições de psicanálise”, *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1976

_____, _____ (1914) “A história do movimento psicanalítico”, *ESB*, vol XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1976

_____ (1925) “Um estudo autobiográfico”, *ESB*, vol XX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Jones, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d.

Quinet, Antonio. *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005



Crianças e(m) (des)enlace(s)

Katarina Aragão Ponciano [1]

Katarinak1110@hotmail.com

Se as coisas são inatingíveis...
ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!
(Mário Quintana)

Recorri ao texto de Lacan “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”[2] para refletir o problema da liberdade de ação do psicanalista. E vou a Freud em 1910, em seu texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*[3], onde ele diz que, a tarefa daqueles que lidam com crianças é a de fazê-las ter vontade de viver, de despertá-las para o mundo, não as deixando ao sabor do destino, mas, sim, responsabilizando-as pela invenção de suas próprias vidas e de sua sociedade. Em 1958, Lacan reflete sobre a liberdade de ação do psicanalista: “O analista dirige o tratamento (...) não deve de modo algum dirigir o paciente”. Esse foi um do último parágrafo do trabalho que foi publicado na Marraio nº27, onde eu busquei trabalhar o desejo do analista na clínica com Crianças.

Vou relacionar a transferência enquanto laço, e possibilidade de ação do analista, pois a demanda enquanto fita, pode ou não acontecer.

Levando em consideração a política da psicanálise, aquela que é sustentada pelo desejo do psicanalista, que permite ao sujeito lidar com a impossibilidade – estrutural – do saber avançar a verdade toda, pretendoverificar, neste trabalho, a possibilidade de escuta de uma criança em situação de desenlace, através do fragmento de um caso clínico e seus desdobramentos através do manejo da transferência.

Vamos ao fragmento de caso clínico, através do qual, articularei a particularidade do atendimento psicanalítico de uma criança desenlaçada. Pedro, seis anos, chega ao meu consultório através do encaminhamento da sua antiga psicóloga, que por motivos de mudança, encaminha para mim. Ele chega com um suposto diagnóstico de autismo, mas tem um adendo que preciso comentar anteriormente, a pediatra diz a mãe, que Pedro precisa fazer

Análise e não TCC, pois não estava convencida do diagnóstico de autismo. – Eu fiquei pensando... o que será que ela escutou do caso??? Pedro é trazido pela mãe com suposta apatia, dificuldade de relacionamento com os colegas, comportamento agressivo e suposta acusação de ter sofrido agressão física pelo pai, que mora no interior de Pernambuco e não ver o filho há seis meses devido a uma medida protetiva sem sequer ter sido verificada e avaliada pela justiça. A mãe coloca Pedro, no lugar de sua posse, e o pai, coloca-se apenas como o “paigador” do plano de saúde.

Partindo do pressuposto que o sintoma da criança revela o que há de não-dito, de encoberto ou de sintomático na estrutura familiar, temos que estar atentos à fala dos pais. A análise com crianças implica verificação de momentos de constituição subjetiva e tratamento do gozo no sentido de interrogar o desejo na sua efetuação como sujeito. A análise é do sujeito, mesmo quanto seus significantes históricos são trazidos por outrem. Estar atento ao que faz a singularidade da criança, às histórias contadas por outrem, nada mais é do que o reflexo do que lhe foi oferecido em termo de saber, do gozo como encontro traumático com o Outro e do objeto ao que foi no desejo do Outro?

Retomo aqui a *duas Nota sobre criança (Lacan, 1969)[4]*, quando ele elabora que o sintoma da criança se encontra na situação de responder por aquilo que há de sintomas na estrutura familiar. A clínica com crianças indica dois discursos com os quais temos que lidar: de um lado, a fantasia dos pais, a história da criança contada por eles – o romance familiar desde o ângulo do outro – e o tratamento encarado ou negado; por outro, através dos desenhos e brinquedos, aprendemos os sinais da localização da criança nesse romance e do que ela dispôs para construir seu discurso, sua história. E é neste discurso que vou me deter com a particularidade da clínica psicanalítica com crianças.

Pedro quase não consegue falar e eu interpelo a mãe quando ela me questiona se sou especialista em autismo e/ou crianças. Respondo que trabalho com o sujeito em sofrimento, que posso escutar Pedro independente dele ser *autista* ou não. Pedro levanta o olhar e sorri! Pergunto se ele gostaria de ser escutado, ele pula, literalmente, com um sorriso no rosto e diz que “Sim!” Convido a mãe a se retirar, que o faz com certa resistência. Percebo que naquele momento, fizemos o laço, ele tinha uma fita... uma demanda!

Voltando à narrativa em torno da criança-objeto, me remeto a um Pedro que, no início das entrevistas, não levantava sequer o olhar, por ser uma criança pequena, magrinha se encolhia na cadeira, diante do falatório de sua mãe. A mãe revela que teve pai ausente e não desejava esta realidade para o filho. Ela é uma profissional de saúde conceituada na cidade e justifica que precisa trabalhar muito já que assume as despesas sozinha do filho. Pergunto com

quem Pedro brinca, com quem ele conversa? Ela não sabe responder e diz que ele só que saber de IPAD!

Freud[5] aponta que, através da brincadeira, a criança constrói um sentido para aquela experiência de angústia diante do enigma que se coloca com a ausência da mãe. A descoberta da sua relatividade no desejo da mãe não determina o seu reposicionamento face ao enigma. O jogo busca simbolizar a falta, dando um sentido à presença/ausência da mãe, revertendo a situação em seu proveito. Ainda seguindo Freud, no mesmo texto:

A considerar as coisas sem ideias preconcebidas, temos a sensação de que a criança transformou sua experiência em jogo por um outro motivo. Estava, passiva, à mercê dos acontecimentos, mas eis que ao repeti-los por mais desagradáveis que seja, como um jogo, ela assume um papel ativo.

No caso em tela, a mãe de Pedro, enfim entrou na justiça para denunciar a negligência do pai pela ausência de visitas. Sugere também uma suposta violência do pai, no período em Pedro ficou um final de semana prolongado com o pai e sua nova companheira, e o fato dele aparecer marcado por uns beliscões. Há um outro item que se refere ao pagamento de contas e me causa espanto: o pai tem um plano de saúde que inclusive tem cobertura de acompanhamento psicoterápico, e a mãe deixa escapar que não quer nada dele. Aponto que de fato ela não deve mais esperar mais nada dele, pois quem espera é Pedro. E ele pede a sua mãe para ligar para o pai. Ela não suporta a ideia do filho querer falar com o pai, e fez inúmeros questionamentos a criança sobre o que nos conversamos na sessão. E Pedro diz: “Mãe, é segredo!”

Na escola, Pedro já é alfabetizado e lê com fluência. No consultório, gosta de brincar de casinha onde exprime a angústia frente ao conflito dos pais. No brincar sempre remete a uma família idealizada com papai, mamãe e irmãos todos juntos...

A criança chega ao consultório, enredado nos conflitos familiares, seja como metáfora do amor que os pais têm um pelo outro, seja como metonímia do falo que a mãe não tem, mas que espera alcançar através do filho, e fazem da emergência do sintoma uma saída para o ser sujeito. E jogar/brincar, é o modo para repetir e tentar elaborar suas vivências infantis perpassadas pelo sofrimento.

Lacan[6] afirma ser o inconsciente estruturado como uma linguagem, ou seja, constituído por cadeias de significantes, a partir do que a cultura oferece ao

sujeito. A criança, ao nascer, está imersa em uma cultura, em uma linguagem. Mesmo antes do nascimento, a criança é marcada por um nome, por um lugar sexual e social, sem que, no entanto, este lugar possa ainda ser exercido em face aos limites impostos pelo real em que está situada a infância. São estes fantasmas que, através do brincar, são colocados em cena em conjunto com os objetos da realidade.

Lima (2012)[7], aponta que é nesse campo minado que o analista tem que lidar com toda teia discursiva. Ela cita Jean-Jacques Rassial que levanta uma questão muito importante: o que é que incita alguns analistas a engajarem sua prática com crianças e o que é que, para os outros, aí faz obstáculos e desinteresse? Ele responde com uma hipótese: “na prática da análise de crianças a questão ética de desejo do analista não pode ser eludida... a especificidade da análise de crianças seria que o analista aí é interrogado sobre o seu desejo, sem poder se esquivar das questões que coloca o ato analítico graças ao uso de truques técnicos.” Lima, diz que para este autor a análise de crianças constitui-se como efeito de um estilo que não pode ser imitado, mas que é fruto da própria análise do analista com toda a singularidade que marca sua relação com a psicanálise.

O jogo da análise não é um jogo a dois, o analista joga com o pequeno a, jogo como morto, joga de forma subversiva as regras do jogo de Bridge. O analista ajuda o sujeito a encontrar o que está em jogo de seu parceiro. Para tanto precisa saber o que há na distribuição das cartas (187-188). Mais adiante, Lacan questiona o desejo do analista, o lugar da angústia do analista precisa ficar nu, ele precisa se negar a dar sinal de angústia onde ele é convocado a responder como outro. O lugar do analista é correlato ao lugar do desejante puro, para ocupar este lugar é necessário abstrair-se, escamotear a si mesmo na relação com o outro, de qualquer suposição de ser desejável. O desejante enquanto tal nada pode dizer de si mesmo. O desejo é o remédio para a angústia.

Pedro consegue falar, ligar para o pai e receber sua visita. O pai, por sua vez, vem a Aracaju ver o filho e reivindicar o direito de visita. Então, a mãe de Pedro, interrompe a análise do filho, alegando falta de condições financeiras. Porém, solicita o nome de outro profissional para atender o filho. Pedro diz: “mãe esse lugar é meu, quando você tiver dinheiro eu volto para falar dos meus segredos.”

Então, penso que com este caso, ratifico meu trabalho, compromisso e por que não dizer do meu desejo pela clínica psicanalítica e/com criança, mas principalmente pelas possibilidades de laços. E o que da fala de Pedro reverberou em mim enquanto laço? A possibilidade de Pedro ter construído um lugar, para ser escutado, para desdobrar seus segredos, seu brincar, sua angústia... Um saber fazer que não está fechado e que ainda aguarda as

possibilidades de Pedro, que saiu com seu estilo, seu caminhar... e imprimiu na analista uma aposta em seu fazer.

[1] Membro da IF-EPFCL/Brasil - Fórum Aracaju

[2] Lacan, J. (1958) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 591-652.

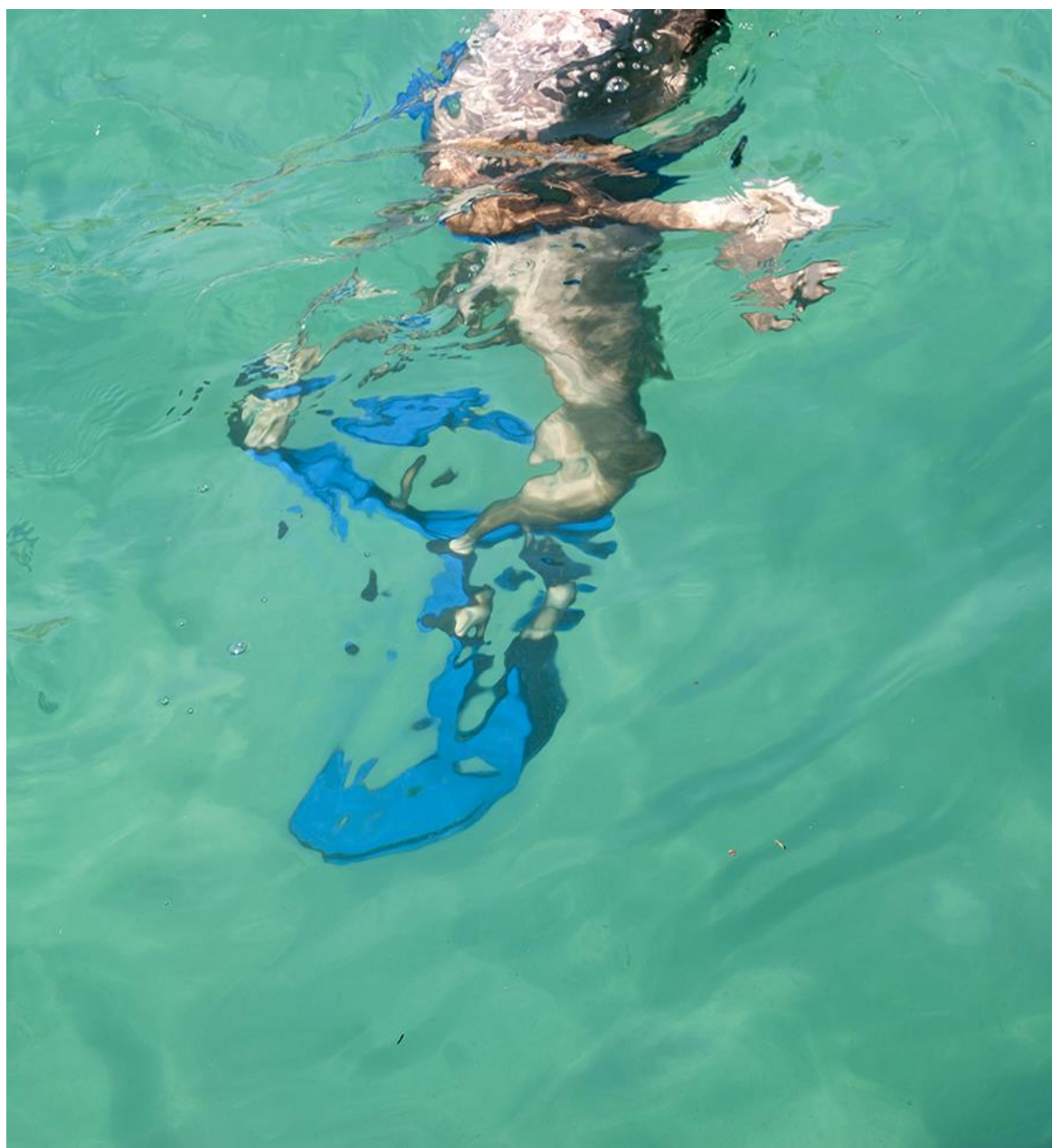
[3] Freud, S. (1980). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol.11, pp. 59-126). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1910).

[4] Lacan, J. (1969). Duas notas sobre a criança (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986.

[5] Freud, S. (1920). Para além do princípio do prazer. In: *Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1991, v. XVIII

[6] Lacan, J. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.

[7] Lima, E. Psicanálise com crianças: considerações sobre a transferência e o desejo do analista. *Revista Marraio: Formações Clínicas do Campo Lacaniano*, nº24. Rio de Janeiro 2012.



A praia, o mar e o sujeito (autista?)

Luis Achilles Rodrigues Furtado

luis_achilles@yahoo.com.br

Uma análise é uma espécie “*pardita*”. Lacan inventa mais um neologismo na tentativa de ilustrar a *partida* que se estabelece no diálogo no qual o analisante é a parte que é advertida de que suas palavras, sua tagarelice, tem a maior importância, maior peso. A análise, assim entendida, seria um jogo no qual o dizer encontra relação íntima com a verdade e, portanto, implica aquele que fala como signatário dos efeitos deste ato (LACAN, 1975/2016). Diferentemente da famosa frase do senador romano Caio Tito, a qual afirma que as palavras voam e os escritos permanecem — *Verba volant, scripta manent*—, a prática psicanalítica nos ensina que as palavras tem seu peso e elas ficam, pois constituem um ato e, portanto, tem o poder de modificar a realidade. O próprio Lacan, desde o início de seu ensino, insiste nisso.

Mas por que alguém precisa ser advertido de que as palavras têm sua importância? Talvez porque tenha se esquecido disso. Talvez tenha se esquecido do fato cotidiano de que elas nos escapam de diversas maneiras: escapam porque às vezes as procuramos e não as encontramos; outras vezes ficam presas na ponta da língua; em algumas ocasiões, não conseguimos controlá-las e elas pulam de nossos lábios à nossa revelia. Ademais, as danadas das palavras fogem pelo fato de que não controlamos a forma como nosso interlocutor vai escutar e usar aquilo que dissemos, muito menos aquilo que nos escapou sem nem percebermos. Essas palavras nos escapam também porque não conseguimos dar conta absolutamente daquilo que escutamos. Portanto, a palavra, essa fujona, nos descentra, nos prova que não temos o menor controle sobre ela e sobre seu destino. É duro demais reconhecer isso.

Curioso é notar que Lacan (1975/2016), ao salientar essa advertência dos analisantes, lembra justamente que a palavra “autismo” é uma dessas que escapam. Dizer “autismo” é ir rápido demais. Ele mesmo insiste: “Isso se diz rapidamente. Não é de nenhum modo forçosamente isso!”. Aqui vemos, de novo, Lacan sendo freudiano.

A ocasião destas afirmações data do dia primeiro de dezembro de 1975, contudo, praticamente dois meses antes, em Genebra, Lacan (1975/1991, p. 134-135, tradução nossa) também expressou sua discordância com o termo fundado por Bleuler: “Trata-se de saber porque há algo no autista, ou no chamado esquizofrênico, que se congela, poderíamos dizer. Mas o senhor não pode dizer que não fala”.

A vasta literatura no campo da psicanálise e a pluralidade de posições teóricas e clínicas parecem nos ilustrar o caráter equívoco que esse termo “autismo” fundou na história da ciência e da psicanálise. Freud (1921a/1986; 1921b/1986) mesmo discordou literalmente de Bleuler afirmando que era um temo infeliz. Para ele (FREUD, 1905/1986; 1907/1976), a libido, por definição, não era autoerótica e, portanto, encontramos, primeiro, o objeto do lado de fora, do lado do Outro. Esse fato, reconhecido por Freud (1921a/1986), era suficiente para que preferisse o termo “narcisista” ao “autista”, de Bleuler.

Contudo, o autista parece ser alguém que, diante do mar da linguagem, ficou no litoral. Um surfista que seu pai não lhe deu a prancha nem ensinou a surfar, alguém semas balizas fálicaspara se orientar e realizar manobras nas ondas da linguagem e seus equívocos. Sem sua prancha, que lhes permitiria não ser confundido e engolido pelo mar, que permitiria escolher para que lado e que onda poderiadeslizar, esse sujeito, quando a maré enche, é invadido e recorre à praia do real, que só é praia porque há um mar! Só há letra porque há linguagem. Sem uma prancha, alguns só têm como recurso firmar o pé na areia e não arriscar as errânciasdo significante. Nesse mar, não se consegue avançar demais. É preciso, no máximo, ir até a beira.

Por outro lado, esses sujeitos não podem sair desse litoral, já que viver em pleno real seria abandonar demais sua condição humana. Manter-se na praia é uma escolha, forçada. Não dá para arriscar, é pesado demais. É preciso o solo firme do signo ou do real de lalingua, e não a errância do equívoco do significante, ondas e maré que por vezes desorientam o sujeito. Acontece que, ocasionalmente, no movimento de vai e vem, como as ondas na beira dessa praia, alguns se afastam demais do mar e provam do horror de um deserto devastador onde o que lhes resta são urros viscerais e não gritos. Mas lembremos: se afastam porque algo se aproxima. Trata-se de uma dialética. Pois quando os autistas estão tranquilos, em seus ambientes familiares e controlados, seu descontrole é minimizado.

Os navegadores sabem muito bem que sempre há erro, mesmo com os cálculos mais precisos. Naqueles dias de 1975, nas universidades americanas, quando é perguntado sobre o que é um erro, Lacan faz referência à errância do marítimo. Em português, aqueles que trabalham em navegação chamam esse “erro” de “abatimento”. Trata-sedo fato de que eles têm uma previsão de um

percurso— “cálculo de derrota” — que nunca é uma linha reta a não ser se for projetada do céu, como na agrimensura. Assim, por reconhecerem que todos estamos submetidos aos imprevistos do mar e que a linguagem produz o efeito de retroação do significante, alguns comandantes afirmam: “No mar, até o passado é incerto!”. E chamam de “derrota” seu percurso de um porto a outro, sua rota. Só a bússola do significante para orientar o sujeito, nem que seja através de uma leitura nas estrelas.

Com seu enigmático silêncio, com o uso particular de lalíngua, pela retenção do objeto vocal, implicando problemas na articulação da demanda, o autista mantém-se “congelado” na posição de significado do Outro, já que, falado, surge apenas como efeito desse discurso. Recebeu um nome, está vivo, contudo, não de forma autônoma, mas automática. O desejo que lhe mantém permanece anônimo, mas vêm de um Outro, que é mortificado a todo momento (RIBEIRO, 2014). Sua relação com a falta implica no preenchimento dos espaços vazios, estabelecimento de continuidades, dificultando a produção das bordas de seu corpo e do mundo. A hiância de um vazio não implica numa dialética de sua simbolização e todo o simbólico é tomado como real. (LACAN, 1952/1998, p. 394).

Colette Soler (2007) afirma que é um deter-se na borda da alienação. Isso não significa, não estar nela, não estar na praia, não significa estar *completamente* no deserto. Esse autista, dito por alguns, como povoando o puro real, não existe. A experiência nos mostra que cada um, com sua singularidade, tenta com muito custo, haver-se com o mar, sem necessariamente ter que entrar nele, pois da praia não podem sair. Alguns, ao que parecem, conseguiram criar recursos para entrarem um pouco mais no mar da linguagem. Donna Williams (2012, p.15, tradução nossa, destaque da autora) nos dá seu testemunho ao falar de sua vida:

O autismo estava aí antes que eu conhecesse um desejo próprio, assim que meus primeiros *desejos* eram cópias daqueles percebidos em outros (muitos deles na televisão). O autismo esteve aí antes que aprendesse a usar meus músculos, assim cada expressão facial ou pose era um reflexo, como desenhos animados, daqueles que via ao meu redor. Nada estava conectado com o eu. Sem as mínimas bases do eu, era como um sujeito sob hipnose, totalmente susceptível de qualquer programação ou reprogramação, sem oposição e sem nenhuma identificação pessoal. Estava em um estado de alienação total. Isto para mim era o autismo.

“Daqueles que eu via ao meu redor”, alteridade em relação à qual o sujeito tinha que fabricar algum recurso para se situar num mar que podia lhe levar para onde fosse a correnteza. Mesmo sem falar, como vários testemunhos nos fazem entender hoje, os autistas mantêm uma relação com a linguagem e com

a alteridade. Sua recusa é a prova de sua relação com o Outro. É isso que nos permite chama-los de sujeitos, já que sua recusa implica uma resposta à demanda do Outro, mesmo que anulando-a à condição de signo.

Por outro lado, se o termo “autismo” implica a eliminação de Eros e a libido vem do Outro constituindo assim o sujeito, temos uma contradição. A conjunção “sujeito autista” parece ser incoerente. O sujeito se constitui duplamente, nos lembra Maria Anita Carneiro Ribeiro (2014): como efeito do significante e como objeto de investimento. Então, como conceber um sujeito sem Outro, sem libido? É ir rápido demais...

Lembremos que o isolamento desses sujeitos e seu repetido desejo de desaparecer dos lugares (WILLIAMS, 2012; TAMMET, 2007; GRANDIN e SCARIANO, 1999) constituem um esforço de defesa de sua integridade subjetiva invadida por sensações, sentimentos e angústias que não conseguem organizar nem nomear. Para eles, o recurso da demanda de ajuda dirigida a uma outra pessoa custa um esforço muito grande. Sua saída, na maioria das vezes, é o uso dos objetos no que eles tem de real.

Mas o termo de Bleuler se estabeleceu à revelia do desejo de Freud. Criou uma realidade e tem seu valor descritivo para a ciência. A palavra novamente tomou destinos que são os mais diversos possíveis. De um sintoma — um adjetivo, portanto — o autismo tornou-se uma categoria nosográfica, em seguida um problema do desenvolvimento, depois um problema de saúde pública, adquiriu o *status* de uma deficiência, virou um grande negócio, legitimou um modo de ser e um movimento multicultural. Palavra danada, essa! Como todas.

Quanto a nós, psicanalistas, basta lembrarmos que, na linguagem, é assim mesmo. A própria história da psiquiatria (BERCHERIE, 1989) nos demonstra que a sucessão de tantos nomes implica algo que cada um de nossos analisantes repete todos os dias: cada vez que tentamos pegá-los pelo sentido, eles nos escapam. Porque com o autista, esse falasse, seria diferente? Há quem prefira fazer castelos na praia ao invés de navegar ou surfar. Mas, sem a água do mar, areia não toma forma e facilmente o vento leva, já que fica seca, como no deserto.

REFERÊNCIAS

BERCHERIE, Paul. **Os fundamentos da clínica**: história e estrutura do saber psiquiátrico. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

FREUD, Sigmund (1905). **Tres ensayos de teoría sexual**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Standard Edition. Ordenamento de James Strachey; Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986, v. VII, p. 109-224.

_____ (1921a). **Psicología de las masas y análisis del yo**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Standard Edition. Ordenamento de James Strachey; Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986a, v. XVIII, p. 63-136.

_____ (1921b). **Introducción a J. Varendonck, *The Psychology of Day-Dreams* (1921)**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Standard Edition. Ordenamento de James Strachey; Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores 1986b, v. XVIII, p. 268-269.

_____ (1907). **Carta de 23 de maio de 1907**. In: Freud / Jung: correspondência completa. Organização de William McGuire; trad. Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 87-89.

GRANDIN, Temple e SCARIANO, Margaret M. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LACAN, J. (1975). Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. **Scilicet**. n 6/7, 1975, pp. 42-45. Disponível em: <http://aejcpp.free.fr/lacan/1975-12-01.htm>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2016.

_____ (1975). Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. In: LACAN, Jacques. **Intervenciones y Textos**. 2. ed. Buenos Aires: Manantial, 1991. pp. 115-144. Conferência proferida em 4 de outubro de 1975.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Um corpo sem fronteiras. Em: FURTADO, Luis Achilles Rodrigues e VIEIRA, Camilla Araújo Lopes Vieira. **O autismo, o sujeito e a psicanálise: consonâncias**. Curitiba: CRV, 2014.

SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

TAMMET, D. **Nascido em um dia azul: por dentro da mente de um autista extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

WILLIAMS. **Alguien en algún lugar: diário de uma victoria contra el autismo**. Barcelona: N.E.E Ediciones, 2012.



Demandas de análise... E agora?

Sandra Mara Nunes Dourado

sandra.lacanian@gmail.com[1]

No que o homem se torne coisal-
Corrompem-se nele
Os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade
Quase insana, que empoema
O sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de
Defloramentos,
Um inauguração de falas.
Coisa tão velha como andar a pé.
Esses vareios do dizer.
(Manoel de Barros)[2]

E agora? Para o José de Drummond, a festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou...E agora? No mundo, lá fora, o homem bomba explodiu, a barragem ruiu, a cidade inundou, o banqueiro foi preso, o navio afundou, as crianças morreram, o terrorismo avançou...Em tempos de pura angústia coletiva, o congresso nacional faz cismo, a corrupção, de uns e muitos, veio à tona, o mundo chorou...

“- alô, aqui quem fala é Vicente... você é psicanalista, né?”

- Sim...pois não.

-Ah, meu deus, e agora?...silêncio. O que devo dizer? Desculpe,tô nervoso, é que nunca falei com uma analista... Queria marcar uma consulta, um atendimento, uma visita...sei lá, o nome que se dá... A senhora atende de emergência? Desculpe, é que sou ansioso...então, o quanto antes, melhor. Acredite, estou precisando muito...”

Maria, 46 anos,que sofre pelo fim de seu casamento, diz, “acabou inexplicavelmente: “e agora, o que farei da minha vida, se ele era tudo? O que fiz para merecer isso?

Para Ivo, que esquecera de fechar a tela do Face, ficou face-a-face , com a verdade incontável, o grande pecado imperdoável...agora está sozinho com sua vergonha, seu medo, sua dor. [3]

No exercício cotidiano da clínica psicanalítica é comum recebermos sujeitos acometidos de tristeza, angústias, sintomas, aperreios tal como Vicente, Maria ou Ivo que, ao assegurarem-se de estar falando com um psicanalista, são

tomados de um “nervoso”, e por isso se veem corrompidos pelos “veios comuns” do des-entendimento.

E agora? Eis a pergunta que só surge no tempo depois...quando o rio de cada um transborda, rompem-se os diques, desestabilizam-se os sintomas onde estava ancorado o fantasma de cada um. Rezar já não é suficiente, procurar o xamã, tampouco. Certamente, todas as armas e estratégias já foram usadas, nada mais funciona ou apazigua a enxurrada de incertezas e angústias que acometem um sujeito em sofrimento.

Assim, achamos conveniente precisar: toda demanda dirigida a um analista deve ser considerada uma demanda de análise? Quando um sujeito demanda uma análise, o que ele traz além da experiência vivida, sofrida, lembrada? O que quer dizer “toda demanda é uma demanda de amor”? E sendo o amor, “coisa tão velha como andar à pé”, como nos lembra Manuel de Barros, seria possível nesse encontro, promover um afloramento capaz de fazer brotar outro entendimento, inferir outro sentido das coisas e das dores e das queixas através de “um inauguração de falas”?

Para a psicanálise, falar implica uma escuta... por outro lado, escrever implica uma leitura. Numa análise, quando um analisando descobre que “falar pelos cotovelos” é bem diferente do que “falar pela boca”, ele se dá conta de que a psicanálise pode ser uma experiência de escrita na medida que, diferente do que ocorre na sua vida diária, fora do setting analítico – não é mais tão simples des-dizer o que foi dito, ou escutado... Quando o sujeito falante leva à sério o que diz, isto é, quando experiencia o peso de suas próprias palavras e se deixa afetar pelo que escuta, ele poderá, paradoxalmente, se apreender como um des-vanecimento, que o marca como sujeito dividido. Deste modo, suas certezas acabam por ser consumidas pelo próprio labirinto no qual suas palavras o enredam, e onde suas dúvidas vão assumindo um valor de verdade...por ele, até então, inimaginável.

A propósito desse sujeito que, literalmente se inter-cala entre dois significantes, que se divide entre o significante que o representa e o outro significante para o qual é representado, o que se verifica é um efeito de sentido, uma vez que o sujeito não se fixa num significado determinado.

Para encobrir o desejo do Outro, Lacan nos indica em seu seminário A Angústia[4] que o neurótico tem uma via: é o recurso da demanda. Ele coloca a questão de saber o que bem poderia levar um sujeito a dirigir-se a um analista. Sofrer de um sintoma será, de fato, suficiente para fazer uma demanda?

Lacan introduziu a noção de demanda, opondo-a à de necessidade. O que especifica o homem é que ele depende, para suas necessidades mais

essenciais, de outros homens, os quais se enlaçam pelo usoem comum da palavra e da linguagem. Por necessidade entendemos aquilo que mais se aproximaria do fato fisiológico, ou seja, seria necessidade de alguma coisa específica, que traria a satisfação. Como entendemos que o homem não se satisfaz, necessariamente, com algo pré-estabelecido, inferimos que o estado puro da necessidade não se produz nele. Nas redes da linguagem em que o homem se constitui, a necessidade nunca está em estado puro, mas sempre perpassada pelo desejo e pela demanda.

Demandar é pedir, exigir ou fazer uma reivindicação de algo que não se tem. Trata-se da expressão de um desejo, quando se quer obter alguma coisa de alguém, a partir da qual o desejo vem a se distinguir da necessidade. Muitas vezes o sujeito vem se queixar de algum sofrimento, porque demanda uma satisfação que não encontra sozinho e espera que o analista encontre para ele. Ora, quando um sujeito se coloca na dependência do outro, a particularidade a que visa a sua necessidade fica, de certa forma, anulada. O que lhe importa é a resposta do outro como tal, independentemente da apropriação efetiva do objeto que ele reivindica. Isso significa que a demanda se transforma, no caso, em demanda de amor, demanda de reconhecimento.

No entanto, se há um sofrimento como condição fundamental, ele não é o suficiente para o início de uma análise, isto implica que a queixa apresentada de início, alcance um estatuto de enigma formulado pelo próprio sujeito.

Retornando ao pedido de *urgência* de Vicente, a analista propõe, em uma espécie de aposta: “Ok, posso lhe atender em meia hora”. Tendo sua ansiedade confrontada, esse jovem rapaz lembra que está a 200 Km do consultório. O atendimento aconteceu uma semana depois.

A analista faz uma aposta, mas provoca um susto, daquilo que assusta, mas susta a necessidade até se transformar em demanda de análise.

Quem vem ao analista num primeiro momento, vem movido não por um desejo, mas uma angústia, um sofrimento, um mal-estar insuportável provocado pelo sintoma. Aquilo que foi construído justamente para dar conta da posição de divisão do sujeito entre o que ele sabe e o que ele ignora dos embaraços que o acometem. Do analista, espera-se um esforço, não de tamponar esse sofrimento, mas de tocar o sintoma, fazendo esse sujeito falar.

Fingermann [5], ao falar sobre a experiência da psicanálise, afirma que elase inicia com o mal estar, a dor, o sintoma, que vai se transformar em demanda. Deste modo “O psicanalista recebe essa queixa e inaugura assim, a cena chamada neurose de transferência”. Ao se oferecer como destinatário da queixa, o analista se encontra repentinamente incluído na neurose. Mas,

segundo ela, isso não é o pior. O pior é que o tratamento psicanalítico do mal-estar consiste em subverter essa demanda para transformá-la em desejo.

Como fazer isso? Antes, atentemos para o que nos adverte Quinet[6]:

“A demanda em análise não deve ser aceita em estado bruto, e sim questionada. A resposta de um analista a alguém que chega com a demanda explícita de análise não pode ser, por exemplo, a de abrir a agenda e propor um horário e um contrato.”

É o estatuto da palavra como ataque faz da psicanálise uma prática de transformação. Em 1905, Freud[7] já havia atribuído estatuto específico à palavra, ao afirmar: *“o ser humano encontra na palavra um sub-rogado do ato; com seu auxílio afeto pode ser descarregado de igual modo”*. O ato psicanalítico é, evidentemente, o que dá suporte e autoriza a realização da tarefa psicanalítica, nos diz Lacan em 67.[8] Definido como a intervenção do analista em uma análise, o ato analítico leva o sujeito a romper a repetição sintomática atingindo a estrutura que rege seu inconsciente.

A bíblia nos apresenta no mito da criação a premissa de que “no começo era o verbo”. Muito tempo depois Goethe, citado por Freud no texto “Totem e tabu”[9], diz que “no começo era a ação”. Lacan, no seu Seminário, livro 15[8] o ato psicanalítico, reúne as duas afirmativas, que aparentemente se opõem, dizendo que no começo era a ação, porque não há começo sem ação e não há ação sem significante, logo “no começo era o ato de dizer”. Ato e dizer não se opõem, mas se implicam, e o ato do analista passa pelo dizer. No entanto existem atos que são definitivamente proibidos para o analista, a saber, o ato educativo e o ato de comandar, de ditar regras. O lugar do analista não é o de colocar o analisante nos moldes exigidos pela família, igreja ou escola. O ato educativo consiste em tentar dar uma forma adequada ou ideal comandada pelo significante mestre, já o ato analítico aponta justo para onde o sujeito não é, para o seu des-ser e não para o ideal. Essa é a ética da psicanálise e sua prática.

A ética da psicanálise concerne não ao pensamento ou as boas intenções, mas aos atos, e a clínica do ato revela a maneira neurótica sob a qual se apresenta a ética em um sujeito. É de tal modo que o sujeito vai da inibição, da postergação, até uma precipitação em atuar, do ato de fazer ao de não fazer, da eterna avaliação dos fundamentos de seus atos com consequente paralisia à atuação no puro registro da pulsão, ou ainda situa-se na vacilação com a procrastinação do ato e a urgência, como nos demonstra, comumente, a clínica da neurose obsessiva. Portanto, não é absurdo falar que a neurose é uma doença do ato. O neurótico é um sujeito debilitado por suas questões, suas

dúvidas e incertezas tornam incapaz de tomar decisões em qualquer campo que seja.

A função analítica foi especialmente discutida por Lacan durante todo seu ensino. Lacan, movido por uma questão- *O que faz um analista?*- encontra sua contraparte na questão ética: *que ética para a psicanálise?* Nesse ponto, sua teoria se desdobra sobre a relação entre analisante e analista: há uma dessimetria fundamental entre a demanda do analisante – que Lacan em seu Seminário livro 7[10], *A ética da psicanálise*, define como uma demanda de felicidade- e o lugar ocupado pelo analista.

A demanda feita em análise é uma demanda de amor. O analista, prestando-se a ocupar o lugar do Outro para o sujeito, faz com que, através da associação livre, o inconsciente se presentifique e possa ser decifrado pelo próprio sujeito. O analista é tomado como sujeito suposto saber através do discurso que caracteriza o sujeito em análise, ou seja, o discurso histórico.

Concluo: demandas de análise...E agora? diante do que demandam os sujeitos que batem à porta do analista, cabe a ele, com sua escuta extremada, interessada por coisas miúdas, estranhas e inquietantes seguir os passos indicados por Freud, o fundador-pai da psicanálise: desde a porta de entrada, o verbo vem no imperativo, indicando apenas seu compromisso ético: Entre ! Sente! Fale!

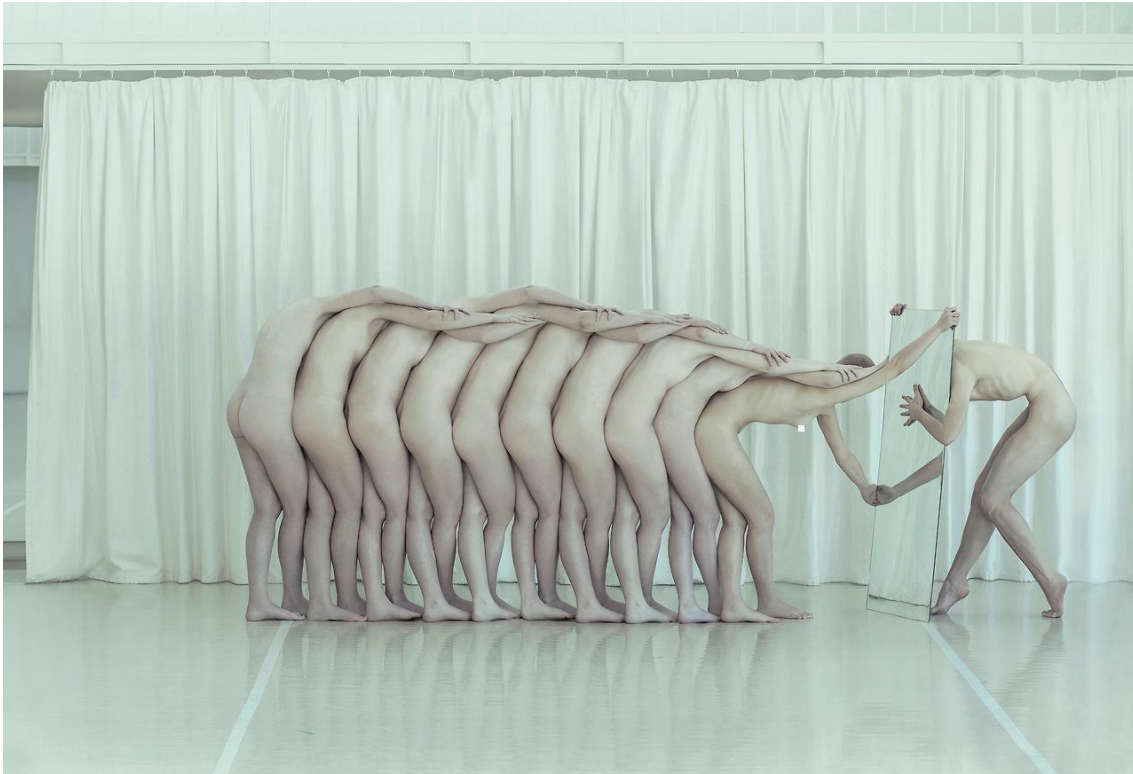
Notas:

- [1] – Sandra Mara Nunes Dourado- membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Fórum Fortaleza
- [2]-BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010, s.p.
- [3]- Recortes clínicos
- [4]- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962/2010, s.p.
- [5]- FINGERMAN, Dominique. In: Dominique Fingemann e Mauro Mendes Dias. *Por causa do pior*, São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 42
- [6]-QUINET, Antonio. *As 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 6ª ed, 1997, p. 20
- [7]- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Ed. Standard - Obras Completas de Sigmund Freud, VolVII). Rio de Janeiro, Imago, 1905-1996, s.p.
- [8]- LACAN, Jacques. *Seminário XV, O ato psicanalítico (1967-68)*, Inédito, s.p.
- [9]- FREUD, Sigmund. *Totem e tabu* (E. Standard – Obras Completas, vol.VIII). Rio de Janeiro, Imago, 1913-1914 -1996, s.p.
- [10]- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1959/1985, s.p.



O umpire dos sentidos¹

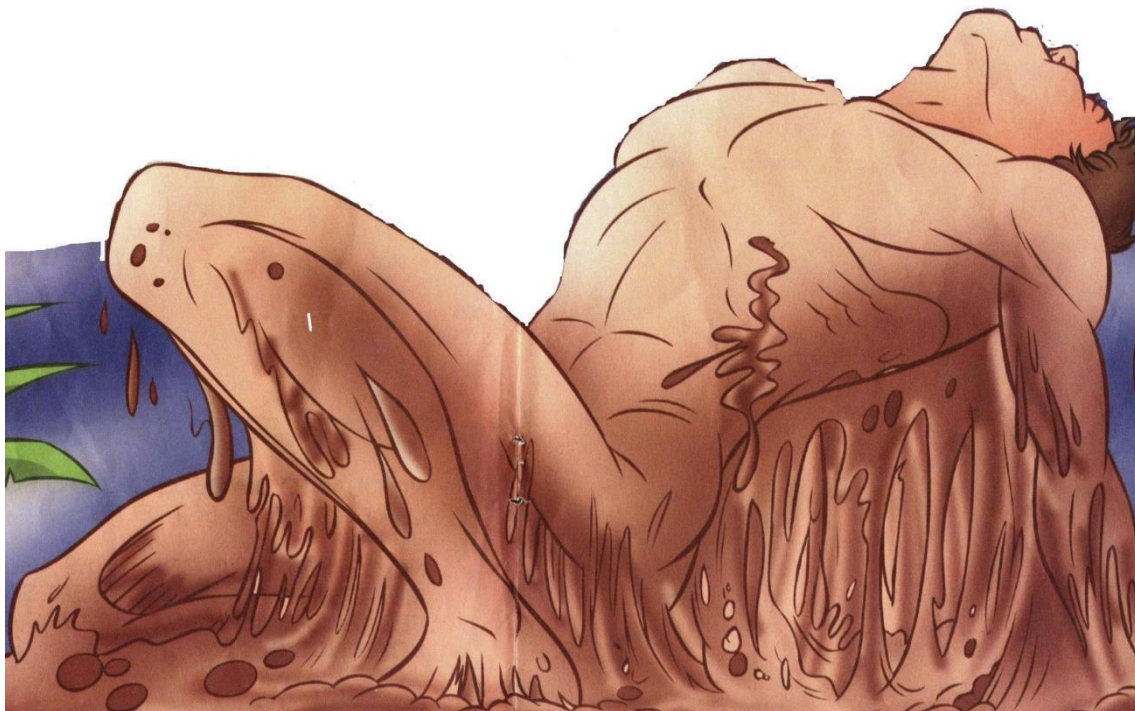
Sônia Alberti



Partindo da introdução do nó borromeano no sem 23, p. 12, em que Lacan articula o umpire de Joyce com o imaginário e o corpo, a proposta é verificar o que, no filme japonês de 1976, permite estudar o gozo e o sexo.

“Por causa da forma, o indivíduo se apresenta do jeito que é feito, como um corpo” (Lacan, 1975-6, p. 11)

¹ Trabalho apresentado em 6/12/2014, na XVI Jornada de Formações Clínicas do Campo Lacaniano – Rio de Janeiro intitulada “SATISFAÇÃO, DESEJO E GOZO” e Coordenada por Rosane Melo e Maria Helena Martinho.



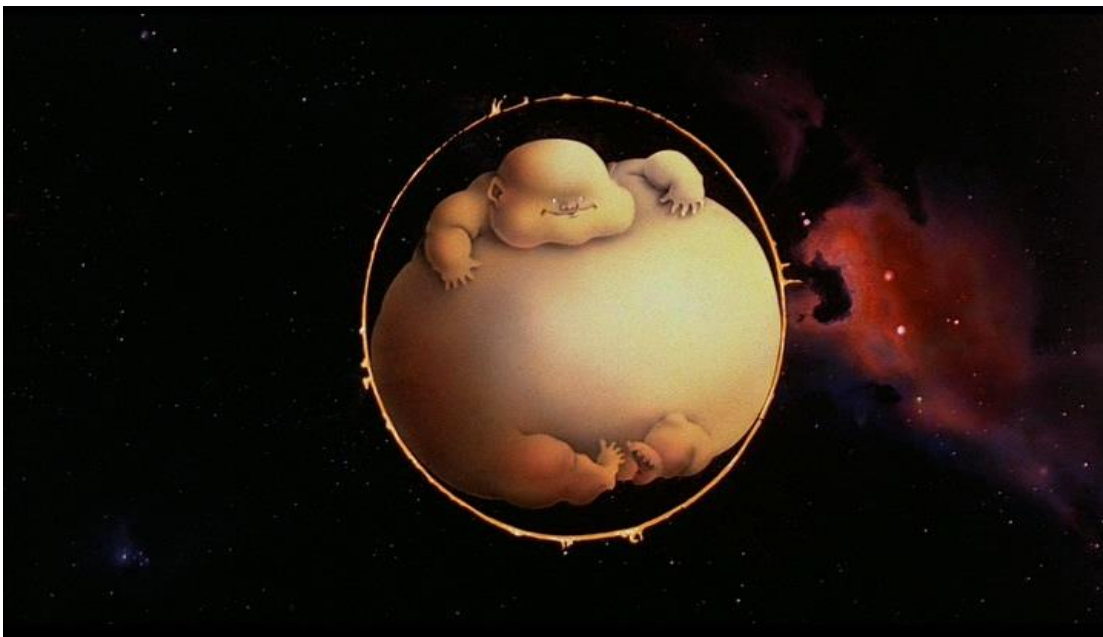
Formas, corpos....



Lacan o compara a um saco ou uma bolha



– esta última por causa da propriedade da bolha de poder se encher a ponto de arriscar-se a estourar



Nunca é demais rever a cena de “O sentido da vida”, dos Monty Python, rodado em 1983, na qual Mr. Creosote, pela enésima vez jantando em restaurante que serve a alta burguesia londrina, presente na cena, estoura de tanto comer.



Estourar de tanto encher é efeito que Lacan associa, nessa passagem de seu ensino, à clínica da neurose obsessiva, paradigmática do domínio do olhar.

O domínio da forma, por sua vez, é, como já fora estabelecido pela *Gestalt*, do campo da imagem, aquele que Lacan explorara desde o início de seu ensino como o que se constitui na relação especular com o outro, não sem sustentação do Outro, tanto que, nos casos em que falta um significante neste Outro que o constitua com a Lei do desejo, aquele campo pode arrebentar, abrindo caminho para as invasões de real típicas das experiências psicóticas. Na realidade, o problema está bem aqui: se é necessária a sustentação do simbólico para fazer consistir uma imagem, ao mesmo tempo é essa necessidade que fura a imagem... senão vejamos: o simbólico é constituído de significantes, traços e marcas que se inscrevem no corpo e determinam as associações que formarão a imagem. Só que esses mesmos significantes e traços não fazem todo, ao contrário, se contam um a um, cada um é um, totalmente independente do outro. Entre um e outro, nada. “O significante Um vem do fato de que o significante como tal sempre seja um-entre-outros referido a esses outros, sendo apenas a diferença para com os outros? A questão está tão pouco resolvida até o presente [diz Lacan em 1973] que fiz todo meu seminário do ano passado acentuando esse há o Um” (Lacan, 26/6/1973, p. 130).

Já pude ilustrá-lo há anos com o diálogo de Törless com seu professor de matemática acerca do número imaginário. Törless o compara a uma ponte que

só teria estacas no início e no fim, mas que percorremos como se fosse inteira, atravessando o imaginário que nos garante uma travessia por cima do abismo do real (Alberti, 2009, p. 243). Entre um e outro significante, traço mnêmico, *Vorstellungsrepräsentanz* inconsciente, há o real que o imaginário vela. Furado este, é também o real que invade a cena, como no filme dos Monty Python quando Mr. Creosote estoura, deixando à mostra a fragilidade do imaginário quando o real bate à porta – para quem se lembra do filme, isso já vinha acontecendo naquele restaurante há algum tempo... (ele ficava vomitando e o *maître* e os garçons vinham, britânicos, limpar e servir).

“O real, diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente” (Lacan, 15/5/1973, p. 118). Em Freud, é o núcleo do inconsciente, o umbigo do sonho, aquele que jamais será interpretável; em Lacan, o que é inconsciente sem ser saber, *Une-bévue*, no lugar de *Unbewusste*, daí sua associação com a letra, no lugar do significante, com *lalangue* – esses sons da fala materna que vão sulcando o terreno no qual, só então, surgem os significantes –, com a lógica – ciência do real –, de maneira que “apenas a matematização atinge um real, no que ela é compatível com o discurso analítico, um real que nada tem a ver com o que o conhecimento tradicional sustentou, e que não é o que este acredita ser a realidade, mas é a fantasia” (idem).

Por exemplo: o homem acredita ter um corpo, é o que o conhecimento tradicional sustenta. Mas, na realidade, ele “poderia dizer ser um corpo, e isso seria bastante sensato, pois é evidente que o fato de ele consistir num corpo é o que há de mais certo” (Lacan, Columbia University, 1/12/1975, in *Scilicet* 6, 7, p. 49). O homem diz ter um corpo porque o trata como um móvel, diz Lacan nos Estados Unidos em 1975. O mete nos vagões de trem... isso começou quando ele o metia na carroça... mas quando já não é o conhecimento tradicional que nos guia para pensar o corpo, quando é o real o ponto de partida, o inconsciente como real, esse impossível a interpretar por não se constituir do inconsciente saber, quando derivamos do campo da fala e da linguagem o campo do inconsciente real referindo-o a *lalangue* – na disjunção de *language* – “um corpo tem uma outra forma de consistir, trata-se “dessa estória do falaser” (idem, p.50), também na disjunção do ser falante.

Orientado em direção a essa outra acepção, Lacan retoma a definição de interpretação: no lugar de trabalhar o que é do sentido – tanto na vertente de uma atribuição de sentido, quanto na vertente dos seus cortes e recortes –, “interpretar é produzir ondas”, como diz em algum lugar nessas mesmas conferências norte americanas. Daí o mistério, o mistério do corpo falante, o mistério do inconsciente, desde Freud identificado com o mistério do feminino. O que quer uma mulher?

Está aí onde o ser falante, e por que não dizer, o comum dos falantes, tem a

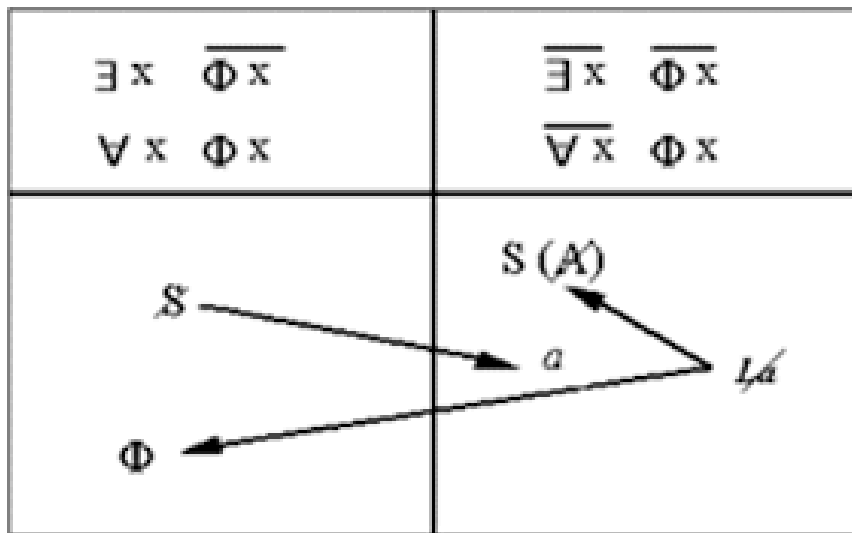
maior possibilidade de se deparar com isso: desde criança, a porta entreaberta, o que é desvelado num véu, *alétheia*. Palavra grega para a verdade que contém o velamento no momento do que se desvela. Meio-dizer, diz Lacan, porque não é possível dizê-la toda. E “O que a análise tem a dizer é da ordem da verdade” (Lacan, Columbia University, Scilicet 6/7, p. 43). “Todo discurso implica ao menos um lugar que é aquele da verdade” (idem), e como a psicanálise também é um discurso, também ela implica tal relação com a verdade. Mas “a verdade, dizemo-la, do jeito que der, quer dizer, em parte” (idem). Retomo-o, para introduzir a estória filmada por Nagisa Oshima, e que veio pela primeira vez a público, por ocasião do Festival de Cannes de 1976 – ano no qual Lacan começou a proferir seu seminário em que se inspirou em Joyce, justamente para falar do inconsciente que não é saber, do falaser, do inconsciente que se atinge em ondas, do inconsciente de *lalangue*, da equivocidade, e em cuja primeira lição retoma o equívoco joyceano: no lugar do inglês *empire*, *umpire*, que se traduz por árbitro, tendo origem etimológica na imparidade, portanto, é o árbitro que julga a contenda na sua imparidade. Várias lições depois, Lacan iria ilustrar essa contenda na imparidade decorrente do fato de que não existe relação sexual, com breves observações sobre o filme que o deixou “soufflé” (Lacan, sem 23, p. 136), expressão que o Larousse internáutico traduz por “dar a impressão de estar anormalmente inchado”, “muito espantado”, “estupefato”, entre outros: *O império dos sentidos*, *L'empire des sens*, em francês ou, como podemos equivococar: *Umpire des sens*, o que, traduzido, dá: dos sentidos, Um pior...

... seria mesmo o pior? Eis minha questão.

Nagisa Oshima tenta reconstruir o assassinato de Kichizo Ishida, estória ocorrida no Japão do entre-duas guerras mundiais, especificamente, em 1936. Em sua busca para reconstruí-lo, busca a verdade que nele subjaz e que não é sem relação com o que Lacan, nesse seminário, está tentando identificar como da ordem do *sinthoma*.

Na medida em que se trata da estória de um homem comum – com uma gueixa –, tal verdade se vela e desvela em articulação ao mistério do feminino, do império dos sentidos à La(barrada) Mulher.

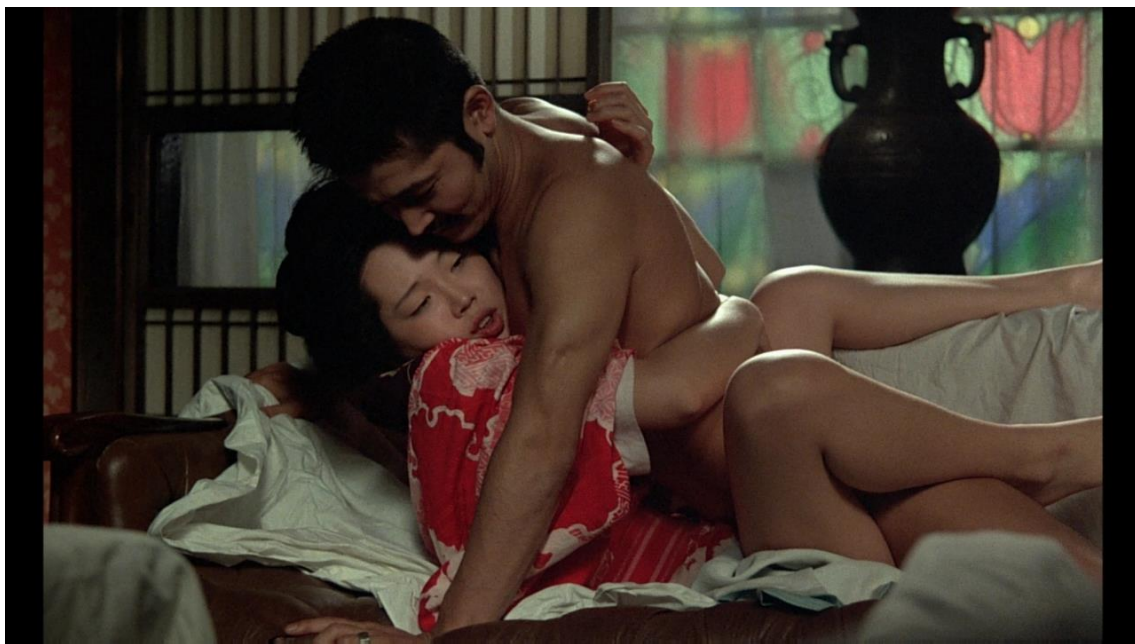
Para um melhor acompanhamento, retomemos as fórmulas: o que nos interessa, é a parte de baixo, da direita:



O *Império dos sentidos*, para quem não teve a oportunidade de assistir, é um filme franco-japonês erótico, como diz Lacan em seu seminário: com ele é possível começar a compreender o poder das japonesas. Gueixas – nem sempre o são por escolha, mas por necessidade, ou por terem sido vendidas por suas famílias para casas de gueixas onde encontram melhores condições do que em casa para viverem –, gueixas, não são apenas escravas para o sexo, elas também são iniciadas na arte do amor. Esse filme o mostra soberbamente, a começar com a porta entreaberta – que mencionei anteriormente – através da qual Sada, a gueixa, a escrava, olha Kichi – seu senhor – fazendo amor com sua esposa. No véu do lusco fusco, é pelo olhar que se desvela o mistério do corpo falante, o homem falo-ante frente ao Outro sexo, e é isso o que ela olha, o que a *com move*, ainda bastante contida em seu olhar, esse que já fura o corpo imaginário em direção à equivocidade.



Não consegui encontrar uma foto desse momento, mas ele é reduplicado quando ambos, Kichi e Sada se encontram a sós pela primeira vez, e é no gesto de Kichi entreabrindo o kimono de Sada, que ressoa, em onda, tal *com moção*. Aos poucos, o encontro com Eros se aprofunda, o vemos bem no olhar de Sada numa cena um pouco mais adiante, agora ele mesmo, o olhar entreaberto, enquanto Kichi se toma ainda por uma potência viril a fazer gozar uma mulher.



Satisfeito, fuma um cigarro, mas ela já não espera que termine.



Insaciável... nas fórmulas quânticas, La(barrada) se dirige a Φ . Dirige-se cada vez mais a Φ , começa a surgir um excesso de Φ , como vemos nessa cena em que até para tocar, o faz com Φ ,



Kichi vai se tornando todo dela... ela o cavalga como deusa, como Deus, diz Lacan em seu comentário, choca, chocadeira como Deus, diz Lacan – e efetivamente, no filme, outra cena cuja foto não consegui encontrar, mas que é com esta aludida, ela choca um ovo que enfia em sua cloaca dando-o em seguida a seu amante na boca.



Possuído, ele, Kichi, já não mais é, ele, seu senhor, está sendo barrado, e é quando ele, todo dela, sugere que Φ fica mais potente quando o homem é estrangulado.



De estrangulamento em estrangulamento, Sada goza e ele vai se apagando, se deixa fazer... ele já não pode mais, e ela, insaciável, atravessa a orientação para Φ ... vai cortá-la. O corte é lacaniano, é o corte que equivoca com a castração que já nada tem de imaginário, do estrangulamento do ser falante, do ser falo-ante, passa ao S (A barrado), e ele consente.



Isso já nada tem mais a ver com o sentido, vai, como dizia Lacan em sua *Ética*, *extos atas*, até o estrangulamento final e o corte do pênis e dos testículos.



É aí que, finalmente, atinge o Outro gozo, a placidez do gozo feminino que se vê no olhar extático – como o fazem as santas –, passando dias a vagar pelas ruas com o pênis e os testículos em suas mãos, até ser presa por assassinato.



A castração aqui, finaliza Lacan em seu comentário, não é do *phi* órgão com o qual o homem trepa, mas a castração é do próprio sujeito homem, seu inconsciente – e Lacan chama a atenção para o fato de que é com isso que o homem faz **amor**, ele faz amor com seu inconsciente – é isso o que é cortado, é isso que é S(Abarrado) e é isso, conclui Lacan, que é o que impede que a relação sexual exista. É por isso também que a histérica sonha manter um desejo insatisfeito, porque não é isso.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2009.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre XX, Encore* (1972-1973). Paris, Seuil, 1975.
- _____. *Le Séminaire, livre XXIII, Le Sinthome* (1975-1976). Paris, Seuil, 2005.
- _____. Le symptôme (1/12/1975 – Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines – Columbia University). In: *Scilicet*, nº 6/7, Paris, déc 1976. Pp. 42-52.